

WASHINGTON NOVAES

Privilégio desperdiçado

Algum dia o Brasil tomará juízo, deixará de ser imediatista e, freqüentemente, irresponsável? A pergunta é inevitável diante de certos acontecimentos (e não se vai falar de novo da crise de energia).

Estamos mergulhados na discussão sobre as causas – e responsabilidades



Pesquisador afirma que a floresta amazônica pode desaparecer em 50 anos

– pela mais recente taxa de desmatamento na Amazônia, que passou de 17.259 km² (de agosto de 1998 a agosto de 1999) para 19.832 km² (mais 14,9%) no período até agosto de 2000. Indignados porque um pesquisador norte-americano que nunca veio ao Brasil, com base em projeções a partir de um modelo matemático, afirmou que a floresta pode desaparecer em 50 anos. Confusos porque o próprio governo é responsabilizado por muitos pela devastação, em função dos desmatamentos em pequenas propriedades (54% do total em áreas entre 6 e 100 hectares), que seriam resultantes dos programas de reforma agrária; em função também dos estímulos oficiais ao avanço da agropecuária de exportação na área (embora a ciência a desaconselhe na maior parte do território amazônico); e por causa da implantação da infra-estrutura de transportes que viabilize essas atividades – sem falar na precária fiscalização da atividade madeireira ilegal.

Enquanto isso, relatório há pouco divulgado pelo Committee on Forestry (*The Global Forest Resources Assessment 2000*), da Organização Mundial para a Alimentação e Agricultura (FAO), chama a atenção para a extraordinária extensão dos nossos privilégios nesse campo, que deveríamos estar em-

penhadíssimos em preservar.

O Brasil dispõe de nada menos que 18% da biomassa florestal do planeta (um terço está na América do Sul), com a vantagem adicional de ter 172 m³ de madeira por hectare, enquanto a média mundial é de 126 m³/hectare, e 128 toneladas de biomassa por hectare, enquanto a média mundial é de 92 toneladas. Com isso dispomos de 3,2 hectares de floresta por habitante, enquanto a média mundial é de 0,6 hectare por pessoa. Quase cinco vezes e meia mais! (A isso se pode acrescer o privilégio de ter cerca de 12% da água doce do planeta, 70% da qual na Amazônia.)

Se se admitir que a diversidade biológica é, de fato, a maior riqueza potencial do País e que os serviços prestados pelos recursos naturais valem algumas vezes o PIB (nacional ou mundial), conclui-se que a nossa irresponsabilidade é inacreditável. Incompreensível até, quando se lê a pesquisa feita há pouco pelo Iser e WWF, na qual os amazônidas apontaram a conservação da floresta como prioridade número um. E quando a quase totalidade dos especialistas é praticamente unânime na definição de caminhos adequados: implantar o zoneamento econômico-ecológico em cada Estado; implantar o ICMS ecológico; implantar o Programa Nacional de Florestas e tornar obrigatória a certificação de madeira; cumprir o compromisso presidencial de transformar pelo menos 10% da floresta em áreas de conservação; implantar os corredores ecológicos; adequar o projeto Avanço Brasil ao desenvolvimento sustentável.

O panorama mundial

descrito pelo relatório do Committee on Forestry também não é animador, embora alguns números possam induzir a certo otimismo apressado.

A cobertura florestal no mundo está em 3,86 bilhões de hectares (38,6 milhões de km²), enquanto em 1990 estava em 3,45 bilhões. Só que os dois números não são comparáveis, por causa de diferenças metodológicas na avaliação da Austrália, da Rússia e de outros países da ex-União Soviética, além da inclusão de Moçambique e outros países africanos no inventário.

O desflorestamento no mundo segue à razão de 13,5 milhões de hectares/ano (135 mil km²/ano), enquanto a taxa líquida cai para 9 milhões de hectares/ano (90 mil km²), se descontados os plantios de florestas e a regeneração de florestas nativas. Agricultura e pecuária, que convertem terras de florestas em áreas de cultura e pastagem, são apontadas pelo relatório como as principais responsá-

veis pelo desflorestamento.

O volume de madeira contido nas florestas é calculado em 500 bilhões de m³, equivalentes a 350 bilhões de toneladas de biomassa.

América do Sul e Ásia são os continentes que mais plantam florestas no mundo, que já conta com 187 milhões de hectares assim implantados – embora a maior parte da área global certificada (entre 80 milhões e 110 milhões de hectares) esteja nos países temperados. Nas áreas tropicais, apenas 6% das florestas têm algum tipo de manejo; nas temperadas são 88%.

É um panorama muito preocupante, fora do Brasil e aqui – perder 135 mil km² de florestas nativas por ano na atual situação planetária é inadmissível, quando se sabe que já estamos consumindo, em recursos naturais, alimentos e energia, mais de 40% além da capacidade de reposição da biosfera, segundo o recente relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e WWF (*The Living Earth Report*).

Com a experiência acumulada em mais de quatro décadas de pesquisa e estudo, grande parte no respeitado Worldwatch Institute, Lester Brown escreveu recentemente: “Estamos perdendo a guerra pela salvação do planeta. Precisamos construir a economia ambientalmente sustentável.” É preciso ouvir, repensar tudo.

Não podemos continuar com políticas esquizofrênicas para a Amazônia, que, de um lado, propõem a conservação e o desenvolvimento sustentável – mas não têm recursos para implantá-los – e, de outro, abrem campo à devastação e à insustentabilidade, insistindo nos caminhos que a prática já demonstrou inviáveis – a não ser para os poucos que, no curto prazo, transformam capital natural em capital financeiro, o futuro que se dane.



■ Washington Novaes é jornalista
E-mail: wlrnovaes@uol.com.br